

**Rui Alexandre Grácio**

**DISCURSIVIDADE E PERSPECTIVAS.  
QUESTÕES DE ARGUMENTAÇÃO**



# Índice

|   |    |
|---|----|
| Prefácio .....  | 7  |
| 1. Para uma teoria geral da argumentação .....  | 11 |
| 2. Discurso, argumentatividade e argumentação .....   | 13 |
| 3. Contributos para uma teoria geral da argumentação:<br>uma leitura da <i>Retórica</i> de Aristóteles. ....                          | 15 |
| 4. A ruptura argumentativa e o acesso<br>ao assunto em questão .....  | 19 |
| 5. Da retórica à argumentação: tema, assunto, perspectiva,<br>questão, contradiscurso, tese e argumentos .....                        | 23 |
| 6. Uma leitura do padrão de análise da argumentação<br>de Toulmin: da garantia à perspectiva,<br>do reforço ao poder .....            | 27 |
| 7. Dificuldades em identificar um discurso ou texto<br>como argumentativo — contributo para uma teoria<br>geral da argumentação ..... | 30 |
| 8. Uma leitura argumentativa do texto<br>«Carta de Birmingham» de Martin Luther King. ....  | 38 |
| 9. Argumentar a propósito... e algo mais. ....  | 43 |
| 10. Práticas discursivas e argumentação:<br>anatomia de uma ambiguidade .....   | 49 |
| 11. Raciocínios e perspectivas: O que é uma tese?<br>E o que são argumentos? .....  | 52 |
| 12. Da persuasão à argumentação: desafiar enunciados<br>a partir de assuntos em questão. ....   | 55 |

|  |     |
|--|-----|
| 13. Do auditório à interrogatividade:<br>para uma crítica do paradigma persuasivo<br>no estudo da argumentação . . . . . | 59  |
| 14. Teorias da argumentação — o estado da arte . . . . .   | 72  |
| 15. Interpretação, análise do discurso e argumentação . . . . .  | 86  |
| 16. O que são «argumentos»? Para além das perspectivas<br>lógica, linguística e retórica . . . . .                       | 91  |
| 17. Os argumentos como valores de troca<br>sob vigilância na interacção comunicacional . . . . .                         | 101 |
| 18. Duas formas de conceber «argumento»<br>e uma forma de conceptualizar a argumentação. . . . .                         | 106 |
| 19. Entre o «como se» e o «e se?», argumentamos . . . . .  | 119 |
| 20. Para além da argumentatividade:<br>a unidade da argumentação . . . . .   | 135 |
| 21. O que é uma teoria geral da argumentação? . . . . .  | 151 |
| 22. Haverá meio de unificar a noção de argumento? . . . . .  | 160 |
| 23. Que fenómenos estuda a teoria da argumentação?<br>Em que consistem as suas tarefas descritivas? . . . . .            | 164 |
| 24. «Isso não é argumento!» . . . . .  | 181 |
| 25. Uma ciência dos assuntos em questão . . . . .  | 190 |
| Referências bibliográficas . . . . .   | 195 |

## Prefácio

O presente livro reúne um conjunto de textos que se inscrevem num mesmo denominador comum: o de levar a cabo uma reflexão sobre as teorias da argumentação, procurando questionar as insuficiências de certas abordagens dos fenómenos argumentativos tendo em consideração a sua adequação descritiva.

A mola desta reflexão tem origens precisas, relacionadas com a *dimensão prática* das competências argumentativas e com a discrepância entre as potencialidades das diferentes perspectivas teóricas e a sua fecundidade no que diz respeito ao ensino da argumentação. Foi esta questão que me levou a procurar novas formas de conceptualizar os fenómenos argumentativos e a propor a unidade «assunto em questão» como conceito fundamental para, mais que proceder a uma análise dos discursos argumentativos e da argumentatividade discursiva, poder abordar a argumentação como uma forma de *interacção* caracterizada pela presença de um discurso e de um contra-discurso.

Optando por uma visão interaccionista que, a meu ver, é a que melhor capta a *dinâmica prática do argumentar*, afastei-me quer das teorizações que colocam a ênfase na composição do discurso de forma a comunicar de uma forma argumentada as suas ideias, quer da tradicional ligação da argumentação com a persuasão que, fazendo desta última o objectivo da

primeira, coloca a tónica numa teoria da recepção, privilegiando o discurso como forma de influência.

Em vez de associar a argumentação à persuasão, e não negando a importância desta última, o ponto de partida utilizado para a sua tematização foi a noção de *oposição entre discursos*. Por outro lado, e afastando-me das visões proposicionalistas que tendem reconduzir as questões de argumentação a questões de raciocínio e à avaliação racional de argumentos, ao falar de oposição entre discurso e contra-discurso considero que o que se opõe são *perspectivas sobre assuntos* e não proposições. Dito de outro modo, e assumindo que à própria discursividade é inerente a perspectivação, no sentido em que há sempre um processo selectivo que leva a orientar para uma determinada forma de ver em detrimento de outras, a oposição discursiva resulta do choque entre essas formas de ver e por desencadear uma interacção polarizada por um «em questão».

A visão interaccionista, colocando a tónica na noção de oposição em torno de um assunto em questão remete antes de mais uma *situação* que se revela descritivamente adequada e que, em vez de se centrar no funcionamento da língua, em avaliações dos raciocínios destacados dos seus contextos circunstanciais ou em processos de análise textual, permite captar a *argumentação em acção* e, mais do que considerá-la do ponto de vista do discurso monológico planificado com vista a persuadir, toma a dissensão como a noção que faz justiça à dimensão no mínimo bilateral das argumentações (comportam, pelo menos, dois lados ou duas incidências que entre si conflituam) — sublinhando-se aqui que a relação com o outro e a forma como cada participante é considerado pelo outro é uma característica do discurso argumentativo.

Nesta visão em que a *interdependência discursiva* é trazida a primeiro plano, a própria noção de argumento deve passar a ser radicalmente considerada como uma *força circunstanciada* não definível *a priori*: é preciso olhar para a interacção para se perceber o que se procura fazer funcionar como argumento e o que revela ter, ou não, força argumentativa tendo em conta a progressão da interacção e as intervenções dos participantes.

Ciente de que as propostas para que os textos nesta obra reunidos apontam se distanciam, nos seus pressupostos filosóficos e descritivos, das formas mais habituais de abordar a argumentação (que vulgarmente partem de uma teoria do argumento), enfatizei, em detrimento das visões *justificacionalistas* da argumentação, a sua dimensão polémica remetendo-a para um tipo específico de questões que se poderiam designar como *ambíguas* justamente por admitirem uma pluralidade de respostas

e em que o que está em causa, mais do que aplicar critérios, está a sua definição e a sua prevalência. Neste sentido, a argumentação liga-se ao problema da acção pela via das opções com que se configuram modos de ver considerados como preferíveis, o que permite dizer que as questões de argumentação são essencialmente questões de perspectiva em oposição com outras perspectivas.